

## É a vida

Tania Rivera

*"Louco quem pertence à vida."*

*Nietzsche*

"Somente a vida pode sustentar a vida", dizia o naturalista e antropólogo Julien-Joseph Virey. A vida é ao mesmo tempo óbvia e indefinível. Jamais posso falar dela como de algo distinto de mim mesma, pois nela estou mergulhada como no mar (calmo e morno ou, às vezes, bravio e convulsivo). Mas não *sou* a vida: ela é mais vasta, englobando muitos outros, muitas coisas e objetos (talvez coisas e objetos demais).

Com eles vivo meu corpo no mundo. O filósofo italiano Emanuele Coccia nota que, apesar de nos considerarmos seres racionais, pensantes e falantes, "viver significa para nós sobretudo ver, provar, apalpar ou cheirar o mundo". Vivo o (ou *no*) sensível, percebendo meu próprio corpo e nele sentindo a ação do espaço e dos outros corpos que nos cercam.

Porém, nunca vivo meu corpo do modo como percebo os demais corpos no espaço: a materialidade corpórea é espessa e opaca a mim mesma. Minhas percepções, já imbuídas de palavras e afetos, se dão em lugar que habito (*tenho* um corpo) mas que não domino completamente (não *sou* inteiramente e exclusivamente um corpo). Meu corpo não se delinea como uma fronteira impermeável ao mundo dentro da qual vivo com autonomia e posso escolher relacionar-me com os outros, os objetos e o espaço. Meu próprio corpo é constantemente invadido pelo mundo, e na verdade só se desenha pelo toque e o olhar do outro.

Há uma zona difusa que vai do meu corpo aos outros corpos, e talvez seja essa zona – essa membrana delicada e porosa, essa rede densa e diáfana ao mesmo tempo, que devemos afinal chamar de *vida*.

"O ar é nosso lugar de compartilhamento", me diz Neto. Enquanto conversávamos (e respirávamos, é claro) em uma agradável tarde à beira-mar, o artista

faz assim aparecer para mim esse invisível que nos cercava e embebia por todos os lados. Pelo menos algumas moléculas passavam por seu pulmão e em seguida pelo meu, em troca silenciosa. Sempre que nos aproximamos, nossos corpos se entrelaçam nesse espaço etéreo, em um constante movimento dentro-fora. "O ar bebeu você, me bebeu, bebeu todo mundo."

Lembro-me de Antonin Artaud e de sua bela ideia de que o ator deve "esculpir a respiração". Respirar talvez já seja esculpir – esculpir o mundo e nele esculpir-se, compartilhando o ar.

O ar sempre esteve presente na produção de Ernesto Neto. Um de seus primeiros trabalhos, *Barra-Bola* (1987), já trazia em sua ficha técnica a descrição "barra de ferro, bola de borracha e ar". E o cheiro – uma maneira de materializar partes do ar – é fundamental nas peças que envolvem especiarias como canela, cravo e açafrão.

Nos últimos anos, Neto esgarçou a pele-tecido de poliamida com a qual costumava esculpir o mundo, fazendo dela uma teia, um colorido crochê. Nessa trama o ar passa todo o tempo – talvez ela seja um tecido de ar, mais do que de corda. Trama-vida suspensa na qual caminhamos devagar ou corremos como crianças, descansamos e revemos o mundo de modo transformado. Rede para pescar o corpo em suas curvas, em seu volume erótico quase taurino, em seu acúmulo de bolas, de sêmen, de ovos, em suas cópulas sinuosas, em sua dança no espaço.

O trançado ganhou cores por vezes fortes, como o vermelho e o amarelo, outras vezes mais sutis, em tons terrosos, como a esposar o fundo de vida no qual nos movemos. Em enormes "bichos" suspensos em louca arquitetura, vi muitos corpos se envolverem na transformação de seu lugar no mundo, em caminhada meditativa, em contemplação vívida, em leve êxtase. Vi, também, crianças correrem e gritarem como a refazer com seus corpos a zona difusa que nos embebe a todos. Sob a monumental instalação *oBichoSusPensonaPaisaGen* (2011), ao lado de Neto para uma conversa marcando o finissage da exposição, percebi que o barulho das crianças – entre as quais estavam Bruno e Lito, os filhos do artista – era muito mais fiel e eloquente como reflexão sobre a obra do que nossas tateantes palavras. Havia ali, no ar, uma espécie de reflexão comemorativa, com a vida suspendendo-se e mostrando-se nela mesma.

A verdadeira reflexão sobre a vida talvez tenha que ser comemoração, ação vibrante com os outros: aquilo que chamamos  *festa*. Nela, os excessos podem tomar a dianteira entre os homens e refazer os laços entre eles.

A festa não tem palco, aponta Neto. O carnaval de rua carioca fornece um bom modelo deste acontecimento coletivo no qual todos são protagonistas e espectadores. Há festas que servem para “inflar o ego”, diz o artista, provavelmente referindo-se aos eventos que fornecem uma espécie de palco no qual uma ou algumas pessoas se sobressaem. Mas a verdadeira festa é aquela que “dissolve o ego” na multidão e convoca o mundo a se rerepresentar em sua exuberância de mata, gente e céu, à maneira dos rituais indígenas. Neto ressalta que o mundo para os índios é muito cheio. Em viagem ao México, em 1997, ele se impressionou com o que chama de “excesso de vida” das civilizações pré-colombianas. Recentemente teve a oportunidade, no norte do Brasil, de participar do ritual envolvendo o uso de *Ayahuasca*, que lhe pareceu revelador da comunhão entre nós, o mundo, a natureza.

À beira-mar, Neto me diz que pensa muito nas festas. Isso não me surpreende (tenho a oportunidade, com alguma frequência, de participar de suas famosas comemorações de ano novo na areia da praia do Arpoador ou das vernissages dançantes realizadas na rua em frente à galeria *A Gentil Carioca*, no centro da cidade). Mas percebo, de súbito, que talvez ele não esteja apenas reafirmando seu interesse por esses livres rituais contemporâneos, e sim afirmando que neles, naquela situação de expansão sensorial e entusiasmo, ele *põe-se a pensar*. A reflexão poética do artista é pulsante pensamento-vida.

Nesses acontecimentos coletivos é fundamental a presença da música. “A música acontece em todos os lugares, ao mesmo tempo”, diz Neto. Ela torna perceptível como som o ar que nos banha, reforça esse espaço comum e faz se entreabrirem “os espaços do espaço” (para usar mais uma expressão de Artaud): os desdobramentos singulares capazes de transformar o mundo de todos nós em acontecimento único. Talvez esses desdobramentos imprevisíveis sejam essa uma boa definição da escultura. Afinal, como insiste Neto, “a escultura acontece.”

A esse acontecimento, é o corpo que me leva. Vivê-lo é como aquilo que Artaud chama “dançar ao avesso”. Louca dança expressiva, subversiva e festiva como muitas das manifestações políticas que vivemos recentemente nas ruas brasileiras. “Louco quem

pertence à vida”, diz o Zaratustra de Nietzsche. Sem dúvida. A vida pulsa; como se diz na gíria carioca para indicar grande entusiasmo, excitação, ela *É o bicho* (título de um trabalho de 2001).

A expressão “é a vida” pode, como o conhecido adágio francês *c'est la vie*, ser tomada como resignação diante das dificuldades e limitações vividas por cada um de nós. Mas a proposta de Neto a revira em vibrante e poética afirmação – e em potente convite. A vida pulsa, é a pulsão em festa, ela se cruza entre os homens para desencadear-se, dançante, em fina e forte rede trançada para abrigar breves esculturas do corpo.

Tania Rivera, outubro de 2013